Diversão para além do Leme ao Pontal

REFRIGERANTES DE CAJU, freiras ao lado de sexy shop, réveillon ao som de Elimar Santos. Conheça o que se encontra nos pontos de lazer popular do Rio de Janeiro como a Feira de São Cristóvão, a Saara e o Piscinão de Ramos

DIVULGAÇÃO

O Pavilhão de São Cristóvão, que abriga o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas

BRUNO ALFANO E CAMILA GRINSZTEJN

Depois de chegar de Lisboa para um intercâmbio na UFRJ, a portuguesa Rita Canique, 23, se divertia na noite do Rio de Janeiro. Mas ali, tudo era diferente. Ainda na Europa, ouvira falar das praias da cidade, do Cristo Redentor, do Pão de Açúcar, mas nunca da Feira de São Cristóvão. O local agradava. No entanto, sem a dica do carioca Rafael Stockar, morador do Complexo do Alemão e estudante de Letras da UFRJ, ela dificilmente conheceria: "Estou muito encantada. Comi um es-

Divulgação

Entrada pricipal da Feira de São Cristóvão

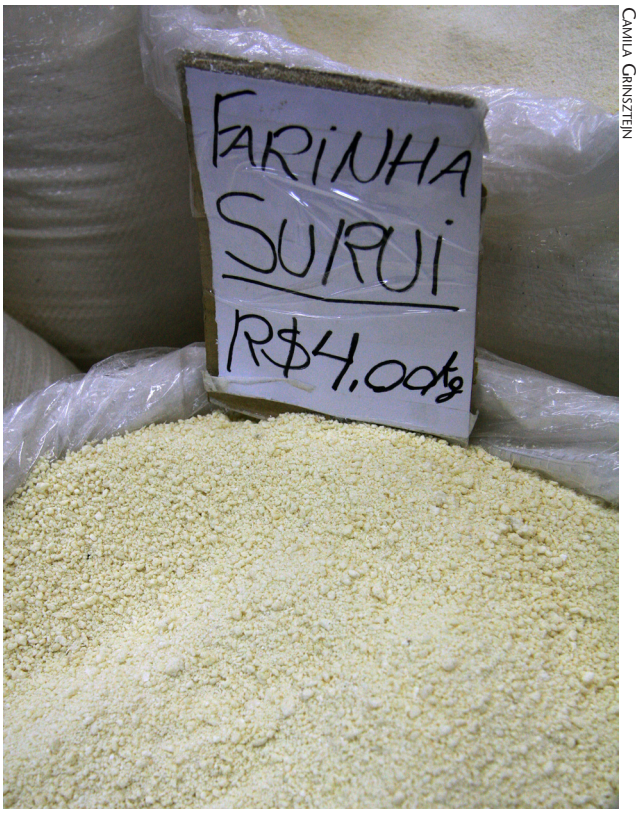
Divulgação

Estátua de Luiz Gonzaga dá as boas-vindas ao visitantes

petinho gostoso que não tem em Portugal", disse Rita, com o forte sotaque lusitano.

A Feira faz parte de um circuito alternativo aos mundialmente badalados atrativos da cidade. Ali, convivem cariocas, turistas e nordestinos, migrantes que vivem, majoritariamente, nos subúrbios do Rio. À atração noturna, soma-se o Piscinão de Ramos e o centro comercial da Saara num roteiro de lazer dedicado às pessoas mais pobres.

Rafael Stockar, o carioca que levou Rita à Feira, participa de um programa de ajuda aos intercambistas. Uma espécie de guia dos estrangeiros no Brasil. Para explicar o porquê de levá-los ao Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas – nome oficial da Feira de São Cristóvão –, Rafael recomenda observar o ambiente.



Camila Grinsztejn

Ingredientes da culinária nordestina, que não estão à venda em supermercados tradicionais, aqui são facilmente encontrados

Camila Grinsztejn

As "namoradeiras" de mais diferentes estilos viraram peças de decoração

Cachaças de todo Nordeste se encontram na Feira de São Cristóvão

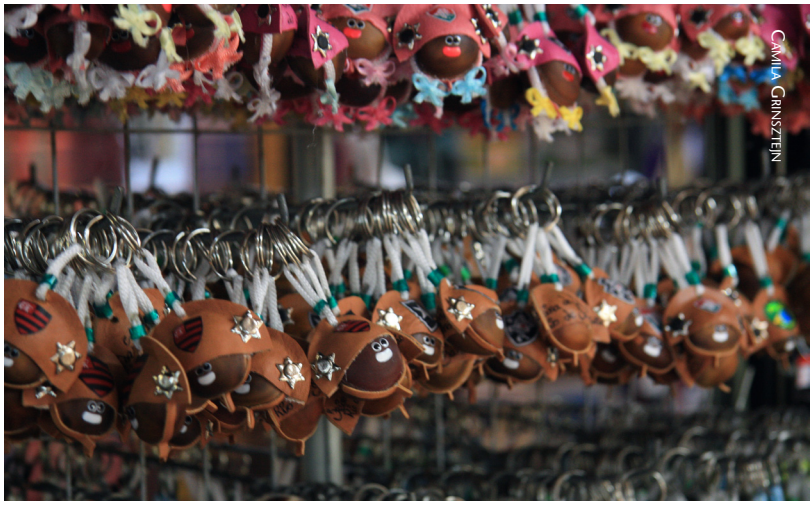
Guaraná Jesus só vende no Maranhão e na Feira de São Cristóvão, a garrafa no Rio custa R$ 7,00

O enorme pavilhão é um reduto para a cultura nordestina. Em frente ao grupo de estrangeiros, três repentes mexiam com os espectadores, na Praça Padre Cícero, tentando conseguir algum dinheiro pela simpatia. Nas lojas, chapéus típicos, sandálias de tiras de couro, farinha, tapioca, refrigerantes de caju e uma infinidade de produtos que, no Rio de Janeiro, só se encontra ali. Localizado no bairro de São Cristóvão, zona norte, o centro atrai 300 mil visitantes por mês. Os nordestinos se sentem em casa. No palco principal da Feira – com cerca de sete metros de largura –, se apresentam os artistas que interpretam grandes sucessos da música popular, como Frank Aguiar, Fagner ou Calcinha Preta.

"Os estrangeiros podem ver toda a diversidade cultural que o país tem", resume o guia.

Mas não é só com forró, repente, xaxado e baião que a Feira embala. Os ritmos da cidade também têm seu espaço. Carioca de Vila Isabel, Ed Wilson da Silva, 24, começou a frequentar o local quando ainda era solteiro, há 6 anos atrás. Hoje, leva a esposa e o filho de quatro anos. Ele diz que o melhor do lugar é a diversidade de pessoas, o pagode, o funk, o forró: "Mas, quando eu era solteiro, vinha mesmo por causa das mulheres", confessa.

Hoje são 700 barracas entre restaurantes, bares, açougues, sorveterias, lojas de CDs, produtos típicos. Mas foi a partir de 1945 que o Campo de São Cristóvão começou a receber retirantes em paus-de-arara para trabalharem na construção civil. Aos domingos, o local virava uma feira, com música e animação. Com o tempo, ali passou a ser um ponto de encontro dessa população e começou a crescer. Em 2003, a prefeitura, então, resolveu ceder um an-



Alguns produtos típicos nordestinos são quase que exclusividade do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas

tigo Pavilhão para organizar o encontro que já se agigantava.

A concentração dos nordestinos favorece a oferta de inúmeros produtos específicos para o público. Nos açougues, por exemplo, as carnes de primeira dão espaço às tripas e à carne de sol. Nos mercadinhos, as grandes marcas de refrigerante ficam em segundo plano para o Guaraná Jesus que, embora seja produzido pela marca Coca-Cola, é considerada uma preciosidade do Maranhão. Há até uma agência de turismo voltada para promover viagens à região: vendendo passagens de avião no carnê e em até 12 prestações sem juros, a agência fatura em cima da saudade.

"O pessoal vem aqui para voltar para casa. 99% dos clientes são nordestinos que vão para a Paraíba, Pernambuco. Garçom vem direto aqui", confirma Márcio Seara, o gerente do empreendimento.

Acolhendo os migrantes no Rio e preservando a cultura nordestina, a Feira de São Cristóvão tem o poder de criar cidadãos carioca-nordestinos. É o caso do garçom Nelson Oliveira, 58. Baiano, de Teixeira de Freitas, deixou a cidade há 38 anos para tentar a vida no Rio: "A maré tava braba, né, nego?", justifica a debandada.

Chegando ao Rio, começou a trabalhar na Feira de São Cristóvão. Com saudades, depois de 20 anos morando no Rio, voltou à terra natal para passar férias: "Eu sinto saudades da minha Teixeira de Freitas, mas agora eu não voltaria a morar lá. Já sou meio carioca", revela Nelson.

O garçom, um carioca-baiano, ilustra a situação do migrante que perde o vínculo com a terra natal e não cria outro, por completo, com a cidade que o recebe – ficando sem raízes. Entretanto, há na Feira aqueles que nunca tiveram nem um lugar para sentir saudades.

Quando nasceu, Carlos Botelho, o diretor cultural da Feira, sua mãe estava saindo do Maranhão para morar no Pará. No meio do caminho, dentro do barco que atravessa o Rio Tocantins, Carlos nasceu ainda em águas maranhenses. No entanto, o primeiro lugar em que colocou os pés foi em Marabá, no Pará: "Nasci meio maranhense e meio paraense", explica. Ainda novo veio para o Rio, que, segundo ele, o acolheu: "Vim para o Rio pobre e a cidade me acolheu. Hoje sou maranhense, paraense e carioca", orgulha-se.

Como diretor cultural da Feira, Marabá, como Carlos é conhecido, é responsável por cuidar para que as músicas tradicionais da região tenham espaço no local contra a invasão dos ritmos modernos. Segundo ele, todo mundo tem vez na Feira de São Cristóvão, mas ali tem que se priorizar o forró. Ele próprio é um representante do ritmo. Cantor e compositor, já dedicou um repente ao lugar que ama: "Quando eu morrer, não quero choradeira. Me enterre no Caju pra (sic) ficar perto da Feira", declamou, fazendo referência ao bairro vizinho de São Cristóvão, marcado por abrigar grandes cemitérios.

Preparando-se para a noite

Um encontro nacional de freiras tirou a Irmã Nise do seu convento em Belém do Pará para conhecer a cidade Rio de Janeiro. Coberta dos pés à cabeça pelos paramentos – um conjunto de peças que fazem o papel de burca no cristianismo –, a freira Lenise de Abreu andava pelas ruas da Saara, no calor carioca de 39°, entre as 1.200 lojas de bijuteria, decoração, bugigangas e até sexy shops do centro comercial.

"Aqui tem muitas coisas bonitas: roupas, bijuterias. Mas isso não é coisa de freira, não", divertia-se, Irmã Nise.

No entanto, a enorme variedade de produtos do local também contemplava o gosto da religiosa. Entre uma loja de jóias e outra de roupas, a Irmã Nise achou um estande só com artigos de decoração. As flores de plástico que reproduziam até gotas de água escorrendo pelas pétalas, como se tivessem sido regadas naquele momento, chamam a atenção da religiosa.

"Essas flores são lindas. Da próxima vez que eu vier ao Rio, eu vou até trazer mais dinheiro", garantiu.

Acostumada com a reclusão do convento, a freira se incomodava um pouco com a pequena multidão em sua volta que a acompanhava na arte de encontrar os melhores preços pelas 11 ruas que formam a Saara. Localizado no coração da cidade, no Centro – entre a praça Tiradentes, a avenida Presidente Vargas, a rua dos Andradas, e a praça da República –, todo dia passam por ali cerca de 70 mil pessoas, com os mais variados objetivos.

O pesquisador francês David Ratier está de férias

As ruas do Saara movimentam cerca de 70 mil pessoas por dia em busca de melhores preços e variedades

Camila Grinsztejn

Sexy Shop: pelas ruas da Saara encontra-se mercadorias para todos os públicos

no Rio há uma semana. Ele e a namorada viram num guia de turismo que na Saara tinha um restaurante libanês. No caminho, entretanto, cederam às tentações de uma loja das sandálias Havaianas, mundialmente conhecidas e copiadas: "A gente veio aqui só para almoçar, mas a minha namorada quis comprar aqui e paramos", alertou Ratier.

Os estrangeiros são presenças marcantes na Saara. Além de turistas, uma parcela significativa dos lojistas veio de fora do Brasil: 10% dos estabelecimentos são comandados por chineses, por exemplo. Além disso, há também vietnamitas, portugueses, espanhóis, árabes, judeus, gregos e japoneses entre os comerciantes. Por reunir uma verdadeira babel de sotaques, ganhou o apelido de "Pequena ONU carioca".

Organizada, a Saara possui uma associação comercial. Cada lojista paga, dependendo do tamanho da loja, R$ 120 ou R$ 90 por mês. Em troca, recebe uma infraestrutura completa. O presidente da Saara, Ênio Bittencourt, conta que a associação garante limpeza, segurança e até um sistema de rádio para os lojistas anunciarem seus produtos: "A gente tem um segurança à paisana em cada esquina. Aqui, gatuno não tem vez", afirma o presidente que está há 20 anos no comando.

Camila Grinsztejn

Há 20 anos na presidência da associação comercial, Ênio Bittencourt se orgulha da 25 de Março carioca

Segundo Ênio, no Natal, a Saara é um destino quase que obrigatório do carioca. As lojas inundam os consumidores com as mais inimagináveis ofertas de presentes e enfeites natalinos, como pinheiros de plásticos em todos os tamanhos, bolas coloridas para enfeitá-los e luzes que piscam em diversas frequências. Nessa época, o fluxo de consumidores chega a 1,5 milhão de pessoas por dia.

"Somos um cartão de visitas do Rio de Janeiro. A gente está recebendo até a freguesia da 25 de Março [a Saara dos paulistas], porque lá tem muitos assaltos", gaba-se Ênio.

Para disputar a freguesia, as lojas procuram os mais variados atrativos. Simpáticos vendedores tentam conquistar, literalmente no grito, os passantes e locutores empostam a voz no microfone com as melhores ofertas. Seguindo a lei mais básica da economia, a grande oferta faz com que os preços caiam.

Atraída pelas boas ofertas, a professora de dança Viviane Carvalho, 24, costuma passear pelas ruas da Saara para preencher o tempo entre uma aula e outra. "Eu venho aqui fazer hora", justifica. No entanto, as vitrines com roupas, bolsas e bijuterias são tentadoras. A moradora do Méier conta que toda semana compra alguma coisa no local. Consciente da origem, geralmente chinesa ou paraguaia dos produtos, ela garante: "A qualidade do que a gente compra aqui é bem próxima da original".

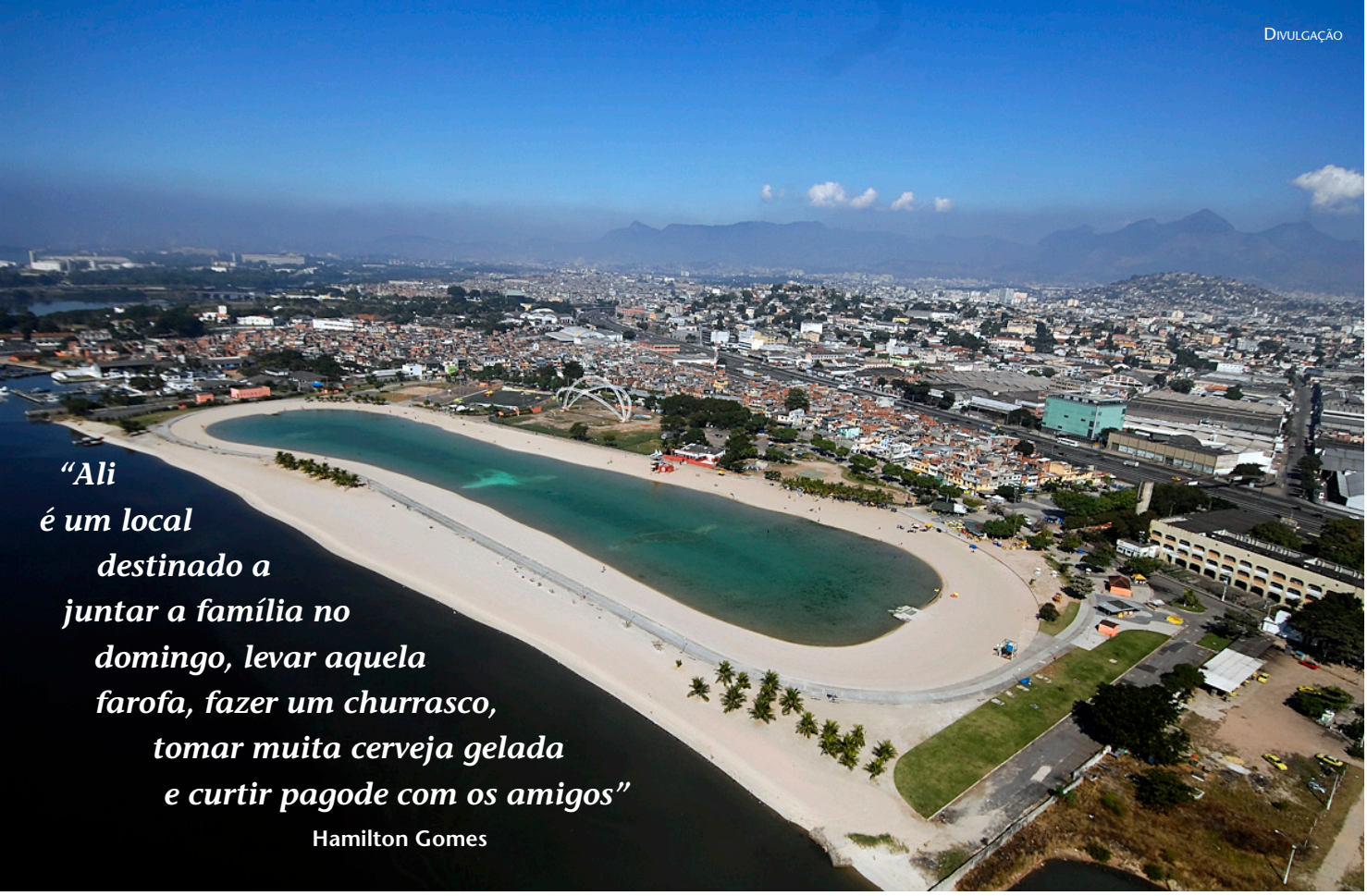
A Saara têm cerca de 1200 lojas com os mais variados produtos

O oásis de Ramos

Na novela *O Clone*, de 2001, com o bordão "Cada mergulho é um flash", a personagem da atriz Mara Manzan havia ajudado a transformar o recém-criado Parque Ambiental da Praia de Ramos num estrondoso sucesso, que duraria até o final da década.

No *réveillon* de 2005, por exemplo, a então estudante Amanda Ika Fernandes de 15 anos, moradora de Olaria, comemorava a passagem de ano ao som de sucessos de Elimar Santos. Ao vivo, ele cantou para 60 mil pessoas no Piscinão de Ramos. Naquele ano, Amanda era uma privilegiada, pois morava perto da sensação daquele verão. Hoje, a febre passou e, segundo os frequentadores, o Piscinão anda meio esquecido: "No meu modo de vista, aquele espaço deveria ser mais bem aproveitado. Para quê tem essa lona cultural enorme? Não tem show lá faz um tempão. Eu acho que deveria ter show lá todo final de semana", protesta Amanda, hoje universitária, com 21 anos, referindo-se à tenda montada no réveillon de 2005.

Criado em 2001 – pelo então governador Anthony Garotinho que se candidataria à Presidência da República no ano seguinte e almejava o apoio



Piscina de 26.000 m² é motivo de orgulho para a população de Ramos.

do eleitorado das classes populares –, o Parque Ambiental da Praia de Ramos é uma piscina de 26.000 m² construída para oferecer à população da zona norte água tratada e salgada da poluída Baía de Guanabara, que banha a região.

Lá, garantem os moradores, reina o pagode e o "doce balanço" da garota de Ipanema, de Vinícius de Moraes, não tem vez com a "nega toda prosa", de Dicró – cantada pelo irreverente sambista em *Praia de Ramos*, onde ele conta que alugara um caminhão para levar a família ao local, na Leopoldina.

Nas areias, os bombeiros salva-vidas são uma atração à parte. Para melhorar o condicionamento físico, o comandante do Destacamento dos Bombeiros da Praia de Ramos, o major Fernando dos Anjos, decidiu que seus comandados começariam a jogar futevôlei. Os jogos fizeram sucesso: "O pessoal vem para ver a gente jogar", conta o cabo Ibrahim, eleito, em um *site* de relacionamentos, como o melhor jogador do grupo.

Segundo o major dos Anjos, unindo o prazer de jogar um esporte com bola com a atividade fim de salvamento, de baixíssimo risco de lesão, os salva-vidas melhoram seu condicionamento físico com prazer: "Além do que, só precisam de quatro pessoas. Sempre tem jogo", explica dos Anjos.

O analista de sistema Hamilton Gomes, 33, cresceu em Ramos vendo a praia degradada. Com a obra de 2001, acompanhou o bairro sofrer uma transformação. O que antes era uma mal-cheirosa vergonha para Ramos passou a ser, para ele, a oitava maravilha do mundo: "Ali é um local destinado a juntar a família no domingo, levar aquela farofa, fazer um churrasco, tomar muita cerveja gelada e curtir pagode com os amigos", conta.

Entretanto, as limpas águas do piscinão foram sendo contaminadas com o tempo. Fechado duas vezes para reformas, o governo estadual e a prefeitura ainda não conseguiram resolver o problema. A presença de lixo e o índice de coliformes fecais são elevados.

A Rioáguas, atual gestora do local, informa que a água da Baía de Guanabara, que abastece o Piscinão, é tratada na Estação de Tratamento de Água próxima ao lago. A troca da água ocorre durante o processo, quando simultaneamente entra água tratada e a água suja é devolvida à baía, ocorrendo a renovação total no período de 10 dias. Enquanto

Divulgação

Vista aérea do Piscinão de Ramos

isso, seis pontos de lançamento de cloro são acionados no interior do lago.

O Piscinão, mesmo que já não reine mais como destino predileto de todo o subúrbio carioca, ainda é motivo de orgulho para a população de Ramos: "Aqui é o melhor *point* do verão. Cerveja geladinha, não tem arrastão e a diversão é o dia todo até à noite, com segurança total, muito pagode, forró e mulher bonita", defende Hamilton, morador do bairro. **POP!**

Sabor nordestino

Na Feira de São Cristóvão são inúmeras as atrações gastronômicas para experimentar, ingredientes e sabores típicos da região que, para um carioca ou um turista, podem ser completamente desconhecidos. Se oferecerem um sarapatel ou um xinxim de galinha, não se preocupe, são apenas alguns pratos tradicionais de Pernambuco e Bahia, respectivamente.

O sarapatel é feito com carnes de porco, cozidas e temperadas com folhas de hortelã e pimentas-de-cheiro, servido geralmente com arroz e farofa. O xinxim de galinha leva, além do frango desfiado e cozido, camarão, azeite de dendê, leite de coco e bastante pimenta, dando aquele toque especial da culinária baiana.

Na Feira, tudo é feito como no Nordeste, sem perder no sabor nem na alegria. Quase todos que trabalham lá são nordestinos, cozinheiros e até os garçons, que dão o clima quando te atendem com sotaque da terrinha. Nos restaurantes você pode fazer refeições completas e fartas, com os mais variados pratos típicos da região: baião de dois, pato no tucupi, carne de sol, acaçá, jabá com jerimum, bobó de camarão, bucho à moda baiana, filés de carne seca, carne de sol com macaxeira, vatapá e muito mais.

Outra opção é comer os petiscos nas barraquinhas: churrasquinho, acarajé, casquinha de siri ou tapiocas de vários sabores. Além das cocadas, bolos e doces feitos com aipim. Para sobremesa, você encontra sorvetes dos mais variados sabores como taperebá, manga, araçá, caju, pitanga, açaí, graviola, mangaba, jaca e até de tapioca.